

BASEADO NO FILME

Disney

# JOHN CARTER

ENTRE DOIS MUNDOS

©2012 Disney, JOHN CARTER™, ERB, Inc.



Fantasy

# JOHN CARTER ENTRE DOIS MUNDOS

STUART MOORE

BASEADO NO ROTEIRO DE:

ANDREW STANTON & MARK ANDREWS E MICHAEL CHABON

*BASEADO NO CONTO UMA PRINCESA DE MARTE DE EDGAR RICE  
BURROUGHS*

PRODUZIDO POR:

JIM MORRIS, COLIN WILSON E LINDSEY COLLINS

DIRIGIDO POR ANDREW STANTON

TRADUÇÃO: DÉBORA ISIDORO

**Ao leitor desta obra**



Ao entregar a você o estranho manuscrito do capitão Carter em forma de livro, creio que será interessante escrever algumas palavras relacionadas a essa impressionante personalidade.

Minhas primeiras lembranças do capitão Carter são dos poucos meses que ele passou na casa de meu pai na Virgínia, pouco antes do início da Guerra Civil. Eu era então uma criança de cinco anos, no máximo, mas lembro bem do homem alto,

moreno, de rosto liso e porte atlético que eu chamava de tio Jack.

Ele parecia estar sempre rindo; e participava dos esportes infantis com a mesma boa vontade e simpatia que exibia quando se envolvia em passatempos apropriados a homens e mulheres de sua idade; ou ele se sentava por uma hora entretendo minha velha avó com histórias de sua vida estranha e livre em todas as partes do mundo. Todos nós o amávamos, e nossos escravos idolatravam o chão em que ele pisava.

Ele era um esplêndido modelo de masculinidade, com mais de 1,85m de altura, ombros largos e quadril estreito, com o porte de um homem treinado para lutar. Seus traços eram simétricos e firmes, o cabelo negro e curto, e os olhos cinzentos como o aço refletiam um caráter leal e forte, cheio de entusiasmo e iniciativa. Suas maneiras eram perfeitas, e o refinamento era típico de um cavalheiro sulista da mais alta estirpe.

Sua habilidade com cavalos, especialmente acompanhando cães, era um encanto e uma alegria mesmo naquele país de magníficos cavaleiros. Muitas vezes ouvi meu pai preveni-lo contra seus loucos descuidos, mas ele apenas ria e dizia que ainda não nascera o cavalo que o mataria com um tombo.

Ele nos deixou na época em que a guerra eclodiu, e não o vi mais por 15 ou 16 anos. Quando ele retornou foi sem aviso, e foi com grande surpresa que notei que ele não aparentava ter envelhecido nem um momento, nem havia mudado em nenhum outro traço da aparência. Quando havia outras pessoas em sua companhia, ele era o mesmo homem feliz e simpático que conhecíamos há muito tempo, mas quando pensava estar sozinho eu o via passar horas sentado olhando para o espaço, com o rosto cristalizado numa máscara de anseio e infelicidade.

À noite ele se sentava para assim olhar o céu e eu não tinha idéia do porquê, até ler seu manuscrito anos mais tarde.

Ele nos disse que estivera garimpando e trabalhando em minas no Arizona durante parte do tempo depois da guerra; seu grande êxito era evidente pela quantidade ilimitada de dinheiro que possuía. Ele era muito reticente quanto aos detalhes de sua vida nesses anos e, na verdade, não os mencionava.

Ficou conosco por cerca de um ano e depois foi para Nova York, onde comprou uma casinha no Hudson. Eu o visitava uma vez por ano por ocasião de minhas viagens ao mercado de Nova York - meu pai e eu possuíamos e operávamos uma cadeia de armazéns de variedades por todo o estado da Virgínia naquela época. O capitão Carter tinha um pequeno mas belo chalé situado no alto de um penhasco, com vista para o rio, e durante uma de minhas últimas visitas, no inverno de 1885, notei que ele passava muito tempo escrevendo, agora presumo, este manuscrito.

Naquele tempo ele me disse que, se lhe acontecesse alguma coisa, ele queria que eu assumisse o comando de sua propriedade. Então me deu a chave de um compartimento do cofre que ficava no escritório, informando que eu encontraria ali seu testamento e algumas instruções pessoais que ele me fez jurar seguir com total fidelidade.

Quando me recolhia para dormir, eu o via da janela do quarto, em pé, sob o luar na beirada do precipício de onde se via o Hudson, os braços levantados para o céu como num apelo. Pensei que estivesse rezando, mesmo sem nunca ter visto nele as características de um homem religioso, não no sentido rigoroso do termo.

Vários meses depois de ter voltado para casa após minha última visita, em 1º de março de 1886, eu acho, recebi um telegrama dele me pedindo para ir vê-lo imediatamente. Sempre fui seu favorito entre os representantes da geração mais jovem dos Carter, por isso me apressei em atender ao chamado.

Cheguei à pequena estação, distante pouco mais de um quilômetro da propriedade, na manhã de 4 de março de 1886. Quando pedi ao homem uniformizado para me levar à residência do capitão Carter, ele me disse que, se eu era amigo do capitão, estava para receber notícias bem tristes: ele fora encontrado morto pouco depois do amanhecer, naquela mesma manhã, pelo vigia que trabalhava em uma propriedade vizinha.

Por alguma razão, a notícia não me surpreendeu, mas corri à casa dele o mais depressa que pude, de forma que pudesse cuidar do corpo e tomar todas as providências.

Encontrei o vigia que o havia descoberto em companhia do chefe de polícia local e de vários cidadãos, todos reunidos em seu pequeno escritório. O vigia relatou os poucos detalhes relacionados à descoberta do corpo, que ele disse ter encontrado ainda quente. Segundo esse homem, o capitão estava deitado na neve com os braços estendidos sobre a cabeça na direção da beirada do precipício.

Quando ele me mostrou a posição eu pensei que ela era idêntica àquela em que eu o vira várias noites, com os braços erguidos numa súplica ao céu.

Não havia marcas de violência no corpo. Com a ajuda de um médico local a perícia chegou rapidamente à conclusão de que a morte havia sido causada por ataque cardíaco. Sozinho no estúdio, abri o cofre e tirei tudo que havia na gaveta onde ele dissera que eu encontraria as instruções. Eram peculiares, em

parte, mas eu as segui até o último detalhe e com toda fidelidade de que fui capaz.

Ele me orientou a remover seu corpo para a Virgínia sem embalsamá-lo, e disse que deveria ser posto em um caixão aberto dentro de uma sepultura que mandara construir previamente. Como soube mais tarde, a sepultura era bem ventilada. As instruções estabeleciam que eu devia me assegurar pessoalmente de que tudo fosse feito como ele determinara e que tudo fosse feito em segredo, se necessário.

Seus bens foram deixados de tal maneira que eu deveria receber os rendimentos durante vinte e cinco anos, quando as propriedades se tornariam minhas. Outras instruções eram relacionadas a esse manuscrito, que eu deveria manter por 11 anos lacrado e não lido, tal qual eu o encontrara, e cujo conteúdo eu só poderia divulgar 21 anos depois de sua morte.

Uma coisa estranha a respeito da sepultura onde seu corpo ainda descansa é que a porta imponente possui uma grande fechadura dourada que só pode ser aberta por dentro.

Cordialmente,

Edgar Rice Burroughs

## Prólogo

### Sab Than

- Luz - GRITOU Sab Than, alçando o corpo em meio à poeira que girava na ponte da aeronave. - Preciso de luz limpa!

Os homens se debruçaram sobre seus comandos, se esforçando para guiar a aeronave para cima, para dentro da nuvem da poeira. A areia entrava pelos portais abertos da ponte semi-cerrada. Um tripulante, um homem velho que havia servido ao pai de Sab, tossiu secamente.

- Eu disse luz limpa - Sab continuou. - Para o alto!

- Para o alto! - o homem repetiu.

Sab Than, governante da cidade predadora de Zodanga, segurou-se à balaustrada da ponte, na altura de sua cintura, e cambaleou sobre o deque aberto, afastando a areia mortal com um gesto da mão protegida pela luva. A aeronave arrancou, subindo com o nariz apontado para o alto. Do lado de fora, equipes de aviadores trabalhavam furiosamente para preparar as palhetas solares da nave... Os longos equipamentos de metal folhado que possibilitavam a viagem aérea no planeta vermelho de Barsoom - também conhecido como Marte.

Sab olhou para cima, além da tremulante bandeira vermelha de Zodanga, para a nuvem que se aproximava. Depois ele se virou para olhar para trás da nave. Não conseguia ver os perseguidores no meio da poeira densa, mas sabia que ainda estavam em seu encalço. Duas naves de Helium, único reino que ainda ousava desafiar a supremacia de Zodanga. E agora tinham encurralado o governante de Zodanga em uma tempestade de areia.

Apesar do perigo, Sab sentia o sangue ferver diante do desafio. Os pensamentos invocavam o momento mais intenso e imponente de sua vida: o dia em que assumira pela primeira vez o trono de Zodanga. Zodanga, a devoradora - a cidade móvel, atropelando as areias de Barsoom com suas centenas de pernas, drenando esse mundo de toda vida e energia. Governar Zodanga era ter um poder que nenhum outro homem jamais conhecera.

Quando a nave ganhou mais altitude e entrou na tempestade, a poeira se tornou densa e escura. Em torno de Sab Than, homens tossiam e sufocavam, apesar das máscaras. Sab ficou firme, apenas piscando um pouco enquanto examinava o furioso céu marciano.

Então a nave se inclinou para a esquerda, descrevendo uma curva acentuada. O ar ficou mais claro. A tempestade de areia sumiu abaixo da nave e foi substituída pela luz ofuscante do sol. Raios de sol incidiram sobre o deque da nave, sobre as asas e as palhetas solares. Os tripulantes assobiavam e gritavam, trabalhando para direcionar as placas das asas para a luz.

Triunfante, Sab recuou e voltou ao interior no instante em que a luz inundou a ponte. A tripulação entrou em ação, correndo de leme em leme, de instrumento em instrumento.

A luz dançava nos controles de múltiplas lentes.

- Força total! - ele gritou.

- Dez pontos ascendentes - disse o navegador.

As mãos do cartografo voavam sobre os controles.

- Preparando novo curso...

- Não há tempo - disse Sab. - Curva fechada. Agora!

O cartografo fez uma careta, mas assentiu e obedeceu. Sab segurou-se firme a uma mureta quando a nave sofreu um solavanco, fazendo o retorno sobre o ponto exato onde eles haviam emergido da tempestade de areia.

Sab correu de volta ao deque no mesmo instante em que os atiradores trocavam de posição nas estações de armas. Eles se apoderavam das grandes metralhadoras sobre apoios, apontando-as para o alto, para baixo e girando. Ainda não conseguiam ver os alvos.



- Apontem para baixo - Sab gritou contra o vento, no mesmo instante em que as duas aeronaves de Helium apareceram do nada, irrompendo da nuvem de poeira e subindo. Os atiradores se prepararam para disparar...

- Sombra!

Era o pior alerta possível a bordo de uma aeronave.

Chocado, Sab virou a cabeça para o alto e viu uma *terceira* aeronave de Helium pairando no ar, bloqueando a passagem de luz para as velas zodanguianas. Sab sentiu a aeronave abaixo dele reduzir velocidade, e o barulho dos poderosos motores enfraquecer com a interrupção repentina da preciosa energia solar.

Depois disso, tudo aconteceu muito depressa. As duas primeiras aeronaves de Helium subiram, abrindo fogo assim que se posicionaram junto à nave de Sab. Choveram balas de canhão sobre o deque zodanguiano. A terceira nave começou a mandar grupos de abordagem que desciam por longas cordas.

Os guerreiros de Sab Than não precisaram de ordens, nem do comando de seu líder. Sacando espadas, eles combateram abertamente os invasores no caótico e oscilante deque da aeronave. Tiros de canhão ribombavam em torno deles. Os atiradores de Sab tentavam reagir com fogo, mas logo o deque tornou-se uma confusão de zodanguianos em vermelho e heliuminitas em suas malditas capas azuis. Alguns caíam mortos no deque, outros despencavam da nave para as areias marcianas lá embaixo.

Sab rangeu os dentes, sacou sua espada e na seqüência atingiu um oponente. Um, dois, três soldados vestidos de azul. Mas ele sabia que não seria suficiente. Podia enfrentar uma nave de Helium, talvez duas. Mas, três naves o haviam encurralado e

não havia energia suficiente para fugir. Os soldados de Helium já dominavam a ponte.

Sab Than sabia que seu governo chegava ao fim. Assim como sua vida.

Então, algo aconteceu. Algo que mudou o destino do planeta Barsoom.

Quando cambaleou e caiu momentaneamente contra uma balaustrada, Sab viu uma estranha luz azul. Ela emanava da nave inimiga mais próxima, flutuando numa distância de alguns poucos metros no céu. A nave parecia estar envolvida em chamas azuis, um fogo frio e sinistro diferente de tudo que Sab já havia visto. Diante de seus olhos, o fogo ganhou intensidade, cercado toda a nave de Helium - que cintilou e desapareceu.

Simplesmente sumiu.

Sab olhou para o alto bem a tempo de ver a mesma chama tocar a nave que flutuava sobre eles. Essa também desapareceu, sumiu num forte clarão azul, revelando o sol ofuscante acima dela. Em torno de Sab, os guerreiros - tanto de Zodanga quanto de Helium - apontavam e olhavam chocados, com medo, vendo a terceira nave sofrer o mesmo destino e dissolver-se em um lampejo de poeira azul.

Contudo, a chama azul não se apagou. Ela se aproximou, cercado-os de todos os lados. Surpreendentemente, a luz não tocava os mostradores e instrumentos de Sab. Porém, diante dos olhos perplexos do governante, a luz incinerou guerreiro após guerreiro, fazendo cada um deles desaparecer em um raio de fogo mortal. Zodanguianos e heliuminitas, atiradores e navegadores - ninguém foi poupado.

Finalmente, restou apenas Sab Than.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

